

A VIOLÊNCIA DA PALAVRA: UMA ANÁLISE BAKHTINIANA DO ENUNCIADO “CALA A BOCA”

RICARDO DA SILVA¹, WILTON PETRUS DOS SANTOS², VANESSA MARIA COSTA BEZERRA SILVA³

Universidade Federal de Alagoas, Av. Lourival Melo Mota, S/N - 57072-900 -
Tabuleiro do Martins - Maceió – AL – Brasil

ricardosilva.ufal@gmail.com, wiltonpetrus@yahoo.com.br,
vanessacosta.ufal@gmail.com

Resumo. *Este artigo objetivou analisar a radicalização e assunção dos sentidos materializados por discursos que traduzem o desejo de fazer calar, isto é, que reverberam a opressão. Considerando o sentido amplo do conceito de diálogo em Bakhtin, através de uma pesquisa exploratória, qualitativa e bibliográfica, correlacionamos enunciados produzidos em momentos distintos no Brasil pelo General Newton Cruz em 1983 e por Jair Bolsonaro em 2016 e 2020. Das conclusões possíveis, ressalta-se que a política opressora busca vetar a autonomia e a liberdade de expressão através da discursividade una e idêntica, reprimindo a palavra do outro; logo, manifesta-se um movimento de constituição da autoconsciência e da autoimagem que não escuta e desconsidera outros pontos de vista.*

Palavras-chave: Discurso; Enunciado; Opressão.

Abstract. *This paper aimed to analyze the radicalization and assumption of meanings materialized by discourses that translates the desire to make someone be quiet, in other words, speeches that reverberate an oppression. Considering the broad sense of the concept of dialogue in Bakhtin, we correlated, through an exploratory, qualitative and research, enunciations voiced by General Newton Cruz in 1983 and by Jair Bolsonaro in 2016 and 2020 at different moments in Brazil. Regarding the possible conclusions, this research pointed out that oppressive politics seeks to veto autonomy and freedom of expression through one and identical discursiveness, repressing the word of the other; therefore, it manifests a movement of self-consciousness and self-image that does not listen and ignores other points of view.*

Keywords: Discourse. Enunciation. Oppression.

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Docente na UFAL, Campus Arapiraca.

² Mestre e Doutorando em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

³ Mestre e Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL). Docente na rede pública municipal de Rio Largo/Alagoas.

INTRODUÇÃO

O posicionamento antiético tem embasado, frequentemente, o discurso na sociedade e na política, proporcionando uma discursividade una e idêntica, impregnando a opressão pela tentativa de violentar a palavra do outro (BAKHTIN, 2019). A opressão se apresenta como a face perversa da dominação, que busca silenciar a qualquer custo o discurso divergente para imprimir um único sentido ao diálogo. Dessa forma, manifesta-se um movimento em que o sujeito busca geralmente relações de si para si. Para Bakhtin (2019) o sujeito que se debruça nesta visão – relações consigo mesmo – põe em jogo a mentira pela imagem em ausência, ocasionando opressão à voz de *outrem*.

O termo opressão vem do latim *oppressio*, de *opprimere*, que significa “puxar contra, esmagar”. De acordo com o *site* Dicionário Online de Português (2020), “opressão é um substantivo feminino, que promove uma ação de oprimir, de sujeitar alguém a alguma coisa. Submissão; sujeição por intermédio da violência: opressão militar”. A ação opressora tem sido algo constante, sobretudo, no atual cenário político brasileiro.

O ato opressor se caracteriza como uma ação predominantemente violenta pela ausência da voz outra, haja vista que desconsidera o diálogo como um instrumento de libertação e constituição da consciência humana. Qualquer contexto fundamentado na ação opressora (aquela que não permite reflexão) consiste em obnubilar as contradições, as violências e as alienações, perpetuando as relações conturbadas entre os homens para a manutenção do *status quo* da classe dominante.

O maior interesse na produção deste texto é decorrente da radical assunção dos sentidos antiéticos materializados por enunciados que traduzem o desejo de fazer calar, reverberando opressão. Quanto à abordagem, a metodologia se configura como exploratória, qualitativa e bibliográfica. O *corpus* é composto por enunciados retirados de *sites* jornalísticos. Esses enunciados mostram uma gênese que refrata e reacentua vozes em cada tempo histórico, destacando a tendência de discursos hegemônicos.

Este artigo está dividido em três partes. Na primeira, como fundamentação teórica, discutiu-se a partir de Bakhtin (2010; 2011; 2019) o conceito amplo de diálogo e a constituição da violência pela tentativa de ausentar a palavra outra em que o sujeito busca perceber a sua autoimagem, um ato de si para si. Na segunda, com uma abordagem qualitativa, foi analisado o enunciado “cala a boca” mencionado pelo General Newton Cruz e o Presidente Bolsonaro, ocorrido em tempos distintos no Brasil, a saber: nos anos de 1983, 2016 e 2020. Por fim, no terceiro, abordaram-se as considerações finais.

BAKHTIN EM DIÁLOGO: A VIOLÊNCIA DA PALAVRA

Um dos principais desafios na atualidade é promover situações dialógicas entre os seres humanos, diante de imposições antiéticas instauradas por sujeitos autoritários.

Reafirma-se, portanto, o diálogo como um direito de todos, conforme afirma o Art. 5º da Constituição da República Federativa do Brasil (BRASIL, 1988), promulgada em 5 de outubro de 1988: [...] “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País, a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade”.

O direito à liberdade de expressão é assegurado na Constituição Federal (BRASIL, 1988), segundo o Inciso IX do Art. 5º: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. A Constituição Federal (BRASIL, 1988) é considerada a mais importante lei brasileira, a partir dela são elaboradas as demais. Dessa forma, perante a legislação, os cidadãos são livres para expressar-se, apesar de situações que são instauradas evidenciarem a negação desse direito.

A realidade objetiva e subjetiva é permeada por diversas situações concretas e abstratas que envolvem relações sociais do cotidiano. Cabe salientar que esta realidade não existe por acaso, ela é resultante das intervenções humanas na sociedade e as suas transformações ocorrem mediante a ação e a reflexão do homem sobre o seu ambiente natural. No que diz respeito à ação que acontece por intermédio de atos e/ou discursos opressores, tendem a provocar situações como: constrangimento, humilhação, repressão e silenciamento.

Na sociedade organizada em classes sociais, a tendência é a prevalência de ações que priorizam uma conformação do sujeito, com uma condição de submissão. Para isso, a classe dominante se utiliza de instrumentos e discursos que tolhem o direito do diálogo, gerando uma situação concreta de opressão. Bakhtin (2011; 2010) defende que a natureza dialógica para a formação da consciência se baseia em uma proposta do diálogo aberto, uma vez que a vida, por sua própria natureza, é dialógica.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN, 2012, p. 117).

Na ausência do diálogo e da palavra outra, há uma tentativa em ausentar a posição valorativa e axiológica. Essa posição valorativa só pode estar contida em enunciados concretos que se realizam entre sujeitos falantes (BAKHTIN, 2011). Sem esses sujeitos e seus juízos valorativos, não há mundo real e nem reflexões. “É necessário o ponto de vista do outro, é necessário o encontro de palavras, [...] é necessário o diálogo” (BAKHTIN, 2019, p. 84). Para o filósofo russo é necessário romper com a ficção da recepção passiva do ouvinte no diálogo, nesse movimento, deve haver a constituição do sujeito-ouvinte em sujeito-emissor, aquele que ouve, incorpora e responde a palavra em outridade.

O diálogo não envolveria apenas o emissor ou o receptor da mensagem, mas as tendências básicas e constantes da recepção ativa do discurso de outrem, o que se mostra fundamental para a construção do diálogo. Essa recepção ativa não se trata apenas da compreensão da

mensagem, mas também da incorporação do outro no diálogo, de modo que o outro passe a constituir o sujeito-emissor. A presença das palavras do outro nas palavras do eu é um dos primeiros elementos que caracterizam o conceito de dialogismo, que pressupõe o relativismo da autoria individual. Mesmo no diálogo interior, esses múltiplos outros participam ativamente, de modo que se opera a ilusão de que as palavras são produto dos atos de fala de um dado sujeito, o que, em Bakhtin, abre espaço para um sujeito-coletivo, produtor e recriador de práticas presentes no espaço discursivo (SCORSOLINI-COMIN, 2014, p. 250).

Por conseguinte, conforme Bakhtin (2010), viver significa participar do diálogo que proporciona fazer perguntas, responder ativamente, concordar e discordar de forma responsiva. Através do diálogo, o sujeito participa totalmente e com toda a sua vida a partir de suas ações. Para Moura (2012, p. 60), [...] “uma visão dialógica considera os acontecimentos do mundo, os quais constituem o acontecimento maior: a própria vida, cuja unidade é essencialmente uma unidade de vozes múltiplas, não finalizáveis, uma unidade polifônica”.

Na polifonia as vozes se arranjam entre si em um movimento ininterrupto formando a base essencial do enunciado já que esse é formado por inúmeras outras vozes que extravasam os limites da palavra. Para compreender o sentido polifônico, Bakhtin (2010) apresenta Dostoiévski como o criador do chamado “romance polifônico”, entendido como um texto em que diversas vozes ideológicas contraditórias coexistem em pé de igualdade (equivalentes e equipolentes) com o próprio narrador. Consequentemente, Bakhtin formaliza duas modalidades do romance: o monológico e o polifônico:

O acabamento, o autoritarismo, a ideia de sujeição do personagem à vontade do autor são características do romance monológico. O romance polifônico, ao contrário, caracteriza-se pelo não acabamento, pela inconclusibilidade, pela associação ao conceito de romance como gênero em formação, passível de mudanças, em que a representação dos personagens constitui um processo de evolução constante (OLIVEIRA, 2019, p. 59).

Na polifonia as respostas estão indefinidas por estarem sujeitas a um mundo sempre aberto e pelos sujeitos conviverem entre ideias diferentes. Ao contrário, no monológico, o autor é sempre o protagonista, construtor fundamental de todas as ideias. Na polifonia os sujeitos são concebidos como autores de sua própria consciência formada entre pontos de vista e juízos de valor externados por suas vozes e suas vozes outras. Para Bezerra (2010), essa consciência é produto da interação e do convívio de muitas consciências que, na ótica do dialogismo, participam desse convívio, respeitando os valores dos outros que igualmente respeitam os seus.

Na perspectiva bakhtiniana: “cada réplica, por mais fragmentária que seja, possui uma conclusibilidade específica ao exprimir certa posição do falante que suscita resposta, em relação à qual se pode assumir uma posição responsiva” (BAKHTIN, 2011, p. 275). A atuação opressora tem, muitas vezes, enfatizado uma prática violenta por imposição da palavra falsa (aquela que não é gerada pelo diálogo e tem caráter dominador) como verdadeira, constituindo uma ação apassivadora.

Assim sendo, na perspectiva de Bakhtin (2019), aquele que é enganado é transformado em mero objeto. Esse é um dos métodos da violência e da reificação do homem pela imagem em ausência. As ações que ocorrem no mundo concreto (verdades e mentiras) interferem na realidade do sujeito e em seu meio social, econômico e cultural. A seguir, dispomos enunciados que representam a concretização da opressão e da violência da palavra em dados momentos históricos da política brasileira.

ANÁLISE DO CONTEXTO: O “CALA A BOCA” COMO FORMA DE OPRESSÃO

Como ponto de partida, propõe-se a discussão de um evento enunciativo publicado pelo *site* Fórum. Nosso interesse na matéria é resgatar um fato ocorrido em abril de 2016, em uma sala de conferência na cidade de Vitória (ES), onde a resposta dada a um estudante pela pergunta da ausência de negros na reunião e a presença da polícia foi um “cala a boca”. Logo configuramos através do pensamento bakhtiniano um evento enunciativo, no qual a palavra do então deputado federal Jair Bolsonaro constituiu um ambiente rude modificando o comportamento do público que, ao ouvir o enunciado “cala a boca”, tomaram para si a defesa do deputado e hostilizaram o estudante. Definimos a partir de Bakhtin (2011) o conceito de enunciado como uma unidade comunicativa que suscita resposta, imprime sentidos e provoca reações. Adiante está disposta a transcrição do evento.

“Voltou a circular pelas redes sociais, nesta segunda-feira (15), Dia dos Professores, um vídeo que mostra o candidato à presidência do PSL, Jair Bolsonaro, completamente descontrolado e agredindo verbalmente um jovem estudante. O caso aconteceu em abril de 2016, quando Bolsonaro participava de uma audiência pública no Clube dos Oficiais da Polícia Militar de Vitória (ES). Em um determinado momento de sua fala, o estudante Lucas Gonçalves Rangel o questionou sobre a falta de negros no evento. Foi o suficiente para o presidenciável partir para a agressão verbal e mandar o garoto “calar a boca”.

Quadro 1. Transcrição da matéria do *site* Fórum – outubro de 2018.

O “cala a boca” mobilizado pelo deputado Jair Bolsonaro configura-se como objeto concreto que remete além dos limites da simples frase. Para Bakhtin (2011) a frase não pertence a ninguém; o enunciado e o discurso, ao contrário, vêm de alguém, dirige-se a alguém, possuem tom avaliativo. Percebe-se que a entonação regida pelo enunciado do deputado fez surgir no público uma subjetividade ao ponto de hostilizar o estudante.

Segundo Amossy (2018), a reação do público também acontece pelo fato da consideração de um porta-voz autorizado a dizer a palavra. Um político, por exemplo, profere discursos que extrai sua eficácia do fato de quem ele é aos olhos de seu público. Assim, a reação à palavra também depende de quem enuncia, da legitimidade do seu poder. Esse enunciador age sobre o ouvinte, “não por meio de um ato de discurso pontual, mas no quadro de uma troca verbal que comporta suas próprias regras” (AMOSSY, 2018, p. 123). Essa discursividade particularizada demonstra os aspectos ideológicos pelos quais o falante toma a palavra. De acordo com Chauí,

[...] a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (ideias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. (CHAUÍ, 2000)

A ideologia como um conjunto de representações e normas, complementa-se com a perspectiva de Florêncio, *et al.*, (2016, p. 71) ao destacar que: “a ideologia [...] se constitui pelas contradições de classes, cujas visões de mundo em conflito se apresentam nas determinações materiais”. Nesse sentido, o discurso é uma forma de materializar a ideologia, produzindo sentidos e camuflando os conflitos e as contradições que existem entre as classes, tendo em vista que, a função da ideologia é obscurecer os fatos e a realidade social, disseminando as ideias da classe dominante para a classe dominada, por meio de diversos atores, instrumentos e instituições.

No caso do enunciado “cala a boca”, o contexto imediato em que se buscou a reprodução do autoritarismo, houve também, uma necessidade de destoar os sentidos e as reflexões propostas pelo estudante, cessando contrapontos dialógicos, que corroborou com relações comunicativas em contradição com a polifonia, oprimindo o sujeito a partir da sua posição autossuficiente em sua própria imagem. Percebe-se nesse ponto uma autovalorização do sujeito enunciativo. Para Bakhtin (2019, p. 47) “o amor por si mesmo, a pena de si mesmo, a autoadmiração, são complexos específicos devido à sua composição. Todos os elementos espirituais do amor a si e da autoavaliação são uma usurpação do lugar do outro”. Nesse caso, existe a rejeição da continuidade da cadeia dialógica pela retirada da participação alheia no diálogo.

Para a devida compreensão do exposto anteriormente, Volóchinov (2017, p. 224) aponta que há naturalmente nas relações humanas o surgimento de uma cadeia dialógica, “um processo ininterrupto de formação, realizado por meio da interação sociodiscursiva”. Para este autor (2017), um mesmo objeto pode provocar diferentes pontos de vista dependendo da posição e do lugar temporal no qual se encontra o sujeito. No entanto, no discurso/enunciativo de “cala a boca”, mesmo em tempos distintos, houve um esforço por manter a unicidade e singularidade do objeto negando a reflexão pela contrapalavra. Contudo, conforme Bakhtin (2011), para qualquer enunciado há uma modalidade de resposta, mesmo que um dos interlocutores seja silenciado.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011, p. 271).

Nessa condição acontece o emoldurar que se apresenta como um modo de intervenção que permite interrogar e fazer objeções ao contexto discursivo, visto que, em Bakhtin (2011), os sujeitos se constituem na e pela interação da contrapalavra, o que proporciona alteridade. O discurso é construído através do discurso de *outrem* e, por isso, nunca se esgota em si mesmo. Nessa tensão de mundos, o emoldurar (comentar, avaliar, fazer objeções, etc.) acontece pela posição de horizontes opostos em que se

realiza o pensamento cognoscente e valorativo dos sujeitos (SANTOS; SANTOS; SILVA, 2020),

O movimento emoldurador que o estudante propôs, surgiu com o propósito de pronunciar a contrapalavra, esperando um posicionamento entre os que estavam presentes naquele espaço. De acordo com Moura (2012), isso se justifica pelo fato de que o sujeito se mantém estreitamente ligado a uma posição responsiva, bem como à sua percepção avaliativa, desenvolvendo a reflexão/ação.

Porém, as ações do sujeito hegemônico é negar e ausentar a palavra, um esforço para interromper a cadeia discursiva pela imagem em ausência. Bakhtin (2019) ressalta que, a imagem em ausência, essa força violenta da palavra/imagem que fecha o objeto e o mortifica, é narrada como a autoconsciência que não toma em conta a outridade. Segundo Bakhtin (2019, p. 70), “a imagem em ausência quer dizer a imagem sem diálogo, sem encontro, sem compreensão respondente”. Moura (2012), ressalta que isso interliga-se aos aspectos peculiares do subdesenvolvimento humano, já que há uma necessidade constante em tolher a reflexão ou diálogo por meio de opressão e manipulação, proporcionando dependência.

Como ponto de continuidade analítica, há um evento/enunciado datado de maio de 2020, discorrendo sobre o então agora Presidente Jair Bolsonaro, que ao participar de uma coletiva de imprensa enuncia que repórteres “calem a boca”. Para uma melhor visualização e compreensão do evento, foram trazidas, no quadro 2, partes de uma matéria retirada do *site* Poder360.

“Bolsonaro manda repórter calar a boca e diz que não interferiu na PF

O presidente Jair Bolsonaro mandou repórteres calarem a boca nesta 3ª feira (5.mai.2020) e disse que não interferiu na mudança da superintendência da Polícia Federal no Rio de Janeiro, berço político de sua família. O novo diretor-geral da corporação, Rolando Alexandre de Souza, foi nomeado na última 2ª feira (04.mai) e, logo que assumiu, decidiu trocar o comando daquele Estado. Ao deixar o cargo, o ex-ministro Sérgio Moro (Justiça e Segurança Pública) afirmou que Bolsonaro queria influenciar em investigações. De acordo com ele, o presidente queria trocar o então diretor-geral Maurício Valeixo para ter alguém de seu “contato pessoal”. Depois do discurso, que foi encerrado com o lema de campanha de Bolsonaro (“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”), o presidente começou a falar: “Canalha é elogio para a Folha de S. Paulo. O atual superintendente do Rio de Janeiro, que o Moro disse que eu quero trocar por questões familiares... Não tem nenhum parente meu investigado pela Polícia Federal – nem eu, nem meus filhos. Uma mentira que a imprensa replica o tempo todo: dizer que os meus filhos querem trocar o superintendente. Para onde é que está indo o superintendente do Rio de Janeiro? Para ser o diretor-executivo da PF. Ele vai sair da superintendência. São 27 superintendências no Brasil, para ser diretor-executivo. Eu estou trocando ele? Eu estou tendo influência sobre a Polícia Federal? Eu estou tendo influência?”, acrescentou.

“O senhor pediu a troca, presidente?”, perguntou uma repórter.

“Isso é uma patifaria!”, gritou Bolsonaro.

“O senhor pediu alguma troca no Rio?”, perguntou novamente a repórter.

“Cala a boca! Não te perguntei nada!”, gritou mais uma vez.

Os apoiadores vibraram.

“O senhor pediu a troca, presidente?”, insistiu outro repórter.

“Cala a boca! Cala a boca!”, continuou.

Bolsonaro seguiu criticando a imprensa e foi embora, sem responder diretamente às perguntas sobre a troca na Polícia Federal do Rio. Os apoiadores aplaudiram a atitude e

começaram a dirigir ofensas aos profissionais, como de costume.”

Quadro 2. Transcrição da matéria do *site* Poder360 – maio de 2020.

Em maio de 2020, em Brasília / DF, o Presidente Jair Bolsonaro proporcionou mais uma vez um evento similar ao que ocorreu na cidade de Vitória / ES, em 2016. A única divergência entre os dois momentos, foram as questões relacionadas à pergunta e aos sujeitos envolvidos: “o senhor pediu alguma troca no Rio?”. A resposta para essa pergunta foi um “cala a boca”, suscitando, mais uma vez, a tentativa de fazer cessar o diálogo.

No campo das articulações históricas percebe-se que, muitas vezes a atuação opressora tende a impor, de forma verticalizada, seus ideais e interesses e preservar a manutenção do *status quo* da classe dominante. Apesar do Brasil se constituir como um Estado Democrático de Direito (BRASIL, 1988), a realidade difere do que se propõe como ideal. Sendo assim, o enunciado “cala a boca” reforçou os sentidos de negação, assujeitamento e radicalização.

Vale retomar que, nessa tentativa opressora de manutenção do poder, há sempre o engajamento em impedir o segmento da linguagem que só pode fazer sentido se, de algum modo, responder ao que o precedeu (BRAIT, 2014). No entanto, o opressor, o desinteressado na palavra outra busca agir de forma séria. “Nessa seriedade, estão contidas, de modo implícito, uma exigência, uma ameaça, uma pressão” (BAKHTIN, 2019, p. 42). Por outro lado, quando o sujeito oprimido busca quebrar essa seriedade se posicionando, interfere no fluxo da cadeia comunicativa, não apenas respondendo, mas também convocando respostas, esta é a base fundamental do conceito dialógico que o opressor deseja finalizar.

No evento opressor proporcionado pelo enunciado “cala a boca”, percebeu-se a doutrina da refração elaborada pelo Círculo bakhtiniano. Desse ponto de vista teórico, a compreensão não é vertida de sentidos vazios e sim de situação concreta ideológica (VOLÓCHINOV, 2019). As palavras ditas são repletas de vozes que tomamos em um movimento refletido e refratado, pois não há um Adão bíblico que inaugura pela primeira vez a palavra no mundo (BAKHTIN, 2011).

A refração é uma condição de percepção de um signo, desse modo, não é possível significar sem refratar (FARACO, 2009). Logo, o “cala boca” foi apenas retomado e repetido em um novo sistema temporal e semântico, construídos pela dinâmica da história, marcado pela diversidade de cada momento discursivo, repleto de contradições e confrontos de interesses sociais antagônicos. Nesse sentido, Bakhtin ressalta que:

As influências extraverbais têm um significado particularmente importante nas etapas primárias de evolução do homem. Tais influências estão plasmadas nas palavras (ou em outros signos), e essas palavras são palavras de outras pessoas[...] Depois, essas palavras alheias são reelaboradas dialogicamente em minhas-alheias palavras com o auxílio de outras palavras alheias, [...] já de índole criadora (BAKHTIN, 2011, p. 402).

A palavra sempre apresenta influência externa, de forma inconsciente ou não, o sujeito toma a palavra do outro para si (BAKHTIN, 2011). Para cotejar o momento histórico do “cala boca” nos anos 2016 e 2020, buscou-se um evento que compara Bolsonaro ao General Newton Cruz, que em 1983 exigiu a um repórter que calasse a boca, conforme mostra o quadro 3.

“Bolsonaro é comparado nas redes ao general Newton Cruz, que agrediu repórter em 83

O presidente Jair Bolsonaro está sendo comparado nas redes sociais ao general Newton Cruz, lembrado por agredir ao vivo o jornalista Honório Dantas em 1983, antepenúltimo ano em que o Brasil ainda se via em ditadura militar. No momento, eternizado em vídeo, Newton manda o radialista se calar depois de ser questionado sobre a falta de democracia no Brasil. Nesta 3ª feira (5.mai.2020), a mesma gravação correu as redes sociais depois do encontro de Bolsonaro com jornalistas em frente ao Palácio Alvorada pela manhã, quando o presidente disse a frase “cala a boca!” a 1 repórter depois de ser questionado sobre uma possível interferência na Polícia Federal do Rio de Janeiro. Ao deixar o cargo, o ex-ministro Sérgio Moro (Justiça) disse que Bolsonaro queria influenciar investigações da PF.”

Quadro 3. Transcrição da matéria do site Poder360 – maio de 2020.

O atual governo brasileiro (2019-2022) refrata e reflete vozes do cenário da ditadura militar no país (1964-1985), período comandado pelo regime militar e que havia o impedimento da liberdade de expressão. Vale ressaltar que, com a Constituição Federal (BRASIL, 1988) esse direito passou a ser garantido aos cidadãos brasileiros, como já apresentado neste texto. Salientam-se as semelhanças discursivas entre o período de 2016-2020 e o de 1964-1985, reforçando posicionamentos antidemocráticos e antiéticos, enunciando o “cala a boca” para reprimir o direito à voz e ao diálogo entre os sujeitos.

A reportagem divulgada no site Poder360 compara o ato do Presidente Jair Bolsonaro ao do general Newton Cruz, no período da ditadura (1964-1985), ao agredir ao vivo o jornalista Honório Dantas, em 1983, antepenúltimo ano em que o Brasil ainda se via em ditadura militar. O general Newton Cruz participou de vários momentos de repressão no período em destaque, sendo um deles o exposto pela reportagem. O Presidente atual (2019-2022) incorpora as mesmas ações que ofendem o direito da livre comunicação e rejeita uma avaliação externa: a exotopia. Neste caso, há uma orientação em direção do “puro autoenunciado ou a pura solidão em si mesmo sem o ponto de vista de fora, uma só voz, uma presença solitária. A voz unívoca do puro autoenunciado e imagem em ausência” (BAKHTIN, 2019, 43-44).

Para que se realize uma construção de alteridade entre dois sujeitos é preciso considerar a diferença, pois, é justamente nela, que a constituição da consciência acontece. Mas, a diferença pode não ser aceita, ela gera medo no opressor. Miotello (2019) coloca em pauta o medo como algo que nos separa: o medo do outro, o medo em aceitar a palavra divergente, o medo de exercer a escuta responsiva. Isso é puro aprisionamento, o medo de ouvir suscita o desejo de fazer calar. Cabe refletir que:

[...] não se trata apenas de falar, ou de ter medo de ouvir e falar. De fato, se trata de juntos desenvolvermos um aprendizado de interação, de troca, de fala com o outro, de dialogar, pois esse movimento aproxima as pessoas, as põe em contato, permite a empatia, esse

mergulho um no outro, com retorno ao seu lugar único. É preciso desenvolver mais e mais esse penetrar na palavra do outro. (MIOTELLO, 2019, p. 167).

O medo pode ser provocado como meio de dominação. Exercer poder com autoritarismo e voz única é uma ponte para manutenção do medo e posterior superioridade. O enunciado analisado neste artigo reflete uma posição ideológica de projeção de um governo autocrático. Por fim, vale dizer que não há discurso neutro ou inocente, uma vez que ao produzi-lo, o sujeito o faz, a partir de uma vontade discursiva e, assim, veicula valores, crenças, visões de mundo, medos e vaidades que representam os lugares sociais que ocupa (FLORÊNCIO, *et al.*, 2016). Tanto o general Newton Cruz, quanto Bolsonaro, são sujeitos que ocupam uma posição social de soberania com uma formação militar, com vistas à defesa de ações que representam a inter-relação consigo mesmo em confluência de si para si.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A via percorrida neste artigo objetivou analisar a radicalização e advento dos sentidos da ação violenta materializada por enunciados que traduzem o desejo de fazer calar, reverberando narcisismo e opressão. Para a compreensão do tema discutido, recorreu-se a uma abordagem qualitativa e exploratória com investigações bibliográficas em pressupostos teóricos de Mikhail Bakhtin (2011; 2019; 2017); Volóchinov (2017; 2019), dentre outros que discutem as relações humanas em situações concretas e embates discursivos.

Diante dos textos apresentados neste artigo, observou-se a utilização do enunciado “cala a boca” como forma de ausentar a palavra do outro e centralizar a palavra em si, enfatizando as relações de dominação, controle, imposição e violência da imagem em ausência. Tais ações opõem-se ao direito à liberdade de expressão e comunicação conquistado no final dos anos 80, com a promulgação da Constituição Federal (BRASIL, 1988) e assemelhou-se ao período ditatorial brasileiro, ocorrido entre os anos de 1964 a 1985, cujo momento prevaleceu situações predominantemente opressoras.

Em pleno 2020, passados aproximadamente 25 (vinte e cinco) anos do fim do regime militar no governo brasileiro, notou-se que há uma prevalência, apesar de uma sociedade constitucionalmente democrática, dos movimentos que buscam contribuir com ações para centralizar a ideologia da classe dominante e violentar a palavra e o pensamento heterogêneo. Percebeu-se com o ato do enunciado “cala a boca”, em períodos distintos da história, há cooperação por uma única direção discursiva, tolhendo o dizer do outro, provocando medo.

Para compreender a violência da imagem em ausência da voz outra no enunciado “cala boca” foi preciso refletir em Bakhtin o conceito amplo de diálogo, o que não se reduz ao encontro face a face. Entendemos que a forma adequada da construção da consciência humana é o diálogo, como vimos, nesse diálogo o sujeito é convidado a dizer a sua palavra, tomar a palavra alheia, fazendo-a sua palavra semi-alheia. É preciso interrogar, ouvir, responder, concordar, discordar. Nesse caso, há o

acontecimento dialógico, haja vista que cada ser humano deve participar desse diálogo amplo com toda a sua vida a partir da relação eu-outro.

Ao ausentar o diálogo, busca-se violentar a responsividade, uma característica fundamental do conceito dialógico. Nessa perspectiva, o dizer/agir, sem álibi, só pode ser realizado entre sujeitos que dizem a sua palavra em um movimento divergente para completude/incompletude do outro pelo olhar exotópico, mesmo que estejam em níveis distintos de função e temporalidade. Ademais, na liberdade expressiva e dialógica, não existe manejo para a obrigatoriedade aprisionadora de aceitar um único ponto de vista e nem o olhar violento da autoimagem.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso: a construção do ethos**. São Paulo: Contexto, 2018.
- BAKHTIN, Mikhail. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. **O Freudismo: um esboço crítico**. São Paulo Perspectiva, 2017.
- BAKHTIN, Mikhail. **O Homem ao Espelho: Apontamentos dos anos 1940**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.
- BASTOS, Gustavo Grandini. *et al.* Golpe ou revolução? Um jogo discursivo na mídia. **ENTREMEIOS**, Pouso Alegre (MG), v. 12, p. 27-43, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/308.pdf>. Acesso em: 11 set. 2020.
- BEZERRA, Paulo. Prefácio: uma obra à prova do tempo. *In*: Bakhtin, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BRAIT, Beth. **Dialogismo: teoria em prática**. Beth Brait; Anderson Salvaterra Magalhães (org.). São Paulo: Terracota Editora, 2014.
- BRASIL. Presidência da República. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Texto promulgado em 05 de outubro de 1988. Brasília. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_213_.as. Acesso em: 27 maio 2020.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. **O que é ideologia?** São Paulo: Brasiliense, 2000.
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem e Diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FERRO, Maurício. Bolsonaro manda repórter calar a boca e diz que não interferiu na PF. **PODER360**, Brasília, 05 maio 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-manda-reporter-calar-a-boca-e-diz-que-nao-interferiu-na-pf/>. Acesso em: 01 set. 2020.
- FLORÊNCIO, Ana Maria Gama. *et al.* **Análise do Discurso: fundamentos e práticas**. Maceió: Edufal, 2016.
- LARA, Mahila Ames de. Bolsonaro é comparado nas redes ao general Newton Cruz, que agrediu repórter em 83. **PODER360**, Brasília, 05 maio 2020. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/midia/bolsonaro-e-comparado-nas-redes-ao-general-newton-cruz-que-agrediu-reporter-em-83/>. Acesso em: 01 set. 2020.
- MIOTELLO, Valdemir. Ter medo é próprio da identidade humana. *In*: **O medo do outro: palavras e contrapalavras**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

MOURA, Edite Marques. **Leitura em Bakhtin e Paulo Freire: palavras e mundos**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

OLIVEIRA, Ana Maria Abrahão. Polifonia, filosofia e misticismo em crime e castigo, de Dostoiévski. In: **Bakhtin e o círculo em fronteiras do discurso**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2019.

OPRESSÃO. In: DICIO, **Dicionário Online de Português**. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/opressao/>. Acesso em: 27 jun. 2020.

REDAÇÃO. Vídeo: Descontrolado, Bolsonaro manda estudante calar a boca. **FÓRUM**, Porto Alegre, out. 2018. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/video-descontrolado-bolsonaro-manda-estudante-calar-a-boca/>. Acesso em: 01 set. 2020.

SANTOS, Wilton Petrus dos; SANTOS, Adriana Cavalcanti dos; SILVA, Fernanda Rafaella da. O emoldurar bakhtiniano como proposta de intervenção e reelaboração textual. **Debates em Educação**, Maceió, v. 12, p. 205-219, set. 2020. ISSN 2175-6600. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/debateseducacao/article/view/9961>. Acesso em: 26 jan. 2021.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **EDUCAÇÃO EM REVISTA**. Belo Horizonte. v.3. n.03. p.245-265. Julho-Setembro 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/edur/v30n3/v30n3a11.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2021.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: Problemas Fundamentais do Método Sociológico na Ciência da Linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A Palavra na Vida e Palavra na Poesia: ensaios, artigos, resenhas e poemas**. São Paulo: Editora 34, 2019.

Artigo recebido em: out. de 2020.

Aprovado e revisado em: jan. de 2021.

Publicado em: fev. de 2021.

Para citar este texto:

SILVA, Ricardo da; SANTOS, Wilton Petrus dos; SILVA, Vanessa Maria Costa Bezerra A violência da palavra: uma análise bakhtiniana do enunciado “Cala a Boca”. **Entremeios** [Revista de Estudos do Discurso, ISSN 2179-3514, on-line, www.entremeios.inf.br], Seção Estudos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPGCL), Universidade do Vale do Sapucaí (UNIVÁS), Pouso Alegre (MG), vol. 23, p. 31-42, Edição especial/ 2020.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20337/ISSN2179-3514revistaENTREMEIOSvol23pagina31a42>